

RELAÇÕES DE TRABALHO EM TRÊS LAGOAS - MS: INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE, UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE*

CAMPACHE, Shesman Augusto**

SILVA, Gislaine Pereira da***

Desenvolvimento urbano e industrial de Três Lagoas

Para falar do processo de desenvolvimento industrial e as características atrativas de Três Lagoas primeiramente precisamos retomar a história local, com atenção aos momentos que denominamos de “saltos desenvolvimentistas” que impulsionaram esse processo de crescimento da região, e reforçaram o discurso hegemônico das elites locais sobre o progresso e o desenvolvimento da cidade.

Em 1911, os trilhos da estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB) cruzaram o rio Paraná e empreenderam uma importante frente pioneira para o Oeste. Conforme MORATELLI (2009, p.176): “A atividade da construção ferroviária e os trabalhadores recrutados para as obras trataram de alterar radicalmente o cenário regional”. O então distrito pertencente ainda a Sant’Ana do Paranaíba começava a sofrer a consequência imediata do aumento e diversificação da população. O que antes era caracterizado pela presença de antigos pioneiros e poucos habitantes, começava a se alterar.

Com a construção da primeira estação ferroviária surgem os traçados urbanos iniciais e as demarcações da urbe pelo engenheiro da Construtora Machado de Melo & Cia à serviço da NOB, Oscar Guimarães. No mesmo ritmo, as relações que antes eram exclusivamente agrícolas e comerciais se modificam através do intercâmbio de mercadorias e fluxo de pessoas que transitam pela região, além das primeiras edificações que surgem próximas a estação como o Hotel dos Viajantes, o Armazém Bernadino & Cia e a Capela Santo Antonio¹.

Outro “salto desenvolvimentista” que caracteriza o progresso três-lagoense foi a construção da Usina Hidroelétrica Engenheiro Souza Dias, ou “Usina do Jupιά”, a terceira

* Este artigo é fruto dos resultados iniciais do projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq “Industrialização recente e relações de trabalho em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul” orientado pelo Professor Dr. Vitor Wagner Neto de Oliveira

** Acadêmico do 4º ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS-CPTL), e bolsista do CNPq no projeto: “Industrialização recente e relações de trabalho em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul”

*** Acadêmica do 4º ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS-CPTL), e bolsista do CNPq no projeto: “Industrialização recente e relações de trabalho em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul”

¹ Informações retiradas do documento “Histórico do município de Três Lagoas” (p. 1-2), Núcleo de documentação Honório de Souza Carneiro, sem catalogação.

maior usina hidroelétrica do Brasil à época, concretizando a primeira etapa do Complexo Hidroelétrico Urubupungá com a construção, em 1969, da Usina de Ilha Solteira e em 1980 a de Três Irmãos.

A usina teve sua obra iniciada em 1965, e foi concluída em 1974. Foi quase uma década de construção, que se constituiu em um novo marco desenvolvimentista e de “progresso” para a cidade. O projeto da usina ainda contava com a instalação de duas novas vilas operárias, uma situada em área distante do centro urbano, a chamada “Vila Piloto” que com uma média de 14 mil habitantes, e a “Vila dos Operadores” situada na outra margem do rio, no Estado de São Paulo, espécie de condomínio fechado que possuía cerca de 227 casas para os engenheiros e funcionários do alto escalão da obra.

Discorrendo sobre as pretensões do discurso hegemônico desenvolvimentista, ALVES (2009) salienta que “desde meados da década de 1970, o marco simbólico desse desejo de progresso, está fincado na conclusão da construção da ‘usina Hidroelétrica Engenheiro Souza Dias’ e concomitantemente do lançamento da pedra inaugural do Distrito Industrial de Jupiá em 1975” (p.136). Neste momento, com a chegada de uma nova leva de homens vindos de outros lugares do país, a cidade almeja novamente ser postulada como a “cidade do progresso”.

Ao nos remetermos a discussão dos “saltos desenvolvimentistas”, e a pretensão do discurso hegemônico das elites locais sobre o progresso, buscamos no brasão três-lagoense os indícios forjados dessa “harmonia”. Na constituição do símbolo da cidade, o brasão três-lagoense é formado por sete elementos que se formam em harmonia. Primeiramente no lado direito a figura do índio, primeiros habitantes dessas terras; no lado oposto a representação do bandeirante segurando a figura central do brasão. No centro, na parte superior, uma alegoria que remete a um castelo; logo abaixo a representação da usina hidroelétrica, e um pouco mais abaixo o símbolo da cidade em três círculos azuis, as três lagoas. E por último, como base de tudo, um vagão de trem representando a NOB, marco inicial da constituição de Três Lagoas.

Carlos Sabu, um indiano que chegou ao Brasil em 1935 junto com os navios que traziam imigrantes japoneses, se instalou em Três Lagoas a convite de um cunhado que era ferroviário. Ao se instalar na cidade realizou várias atividades sendo secretário do presidente da câmara, Gentil Montalvão, e também secretário de obras na gestão do prefeito João Dantas Filgueiras. Em 1968 Sabu tem sua notabilidade dentro do discurso hegemônico das elites três-lagoenses com a criação do brasão da cidade, instituído como brasão oficial pelo projeto de lei

do vereador Antonio Vicente Garcia e se torna símbolo da cidade.² O fato de ser um imigrante o autor do símbolo representativo da história e do desejo do devir da municipalidade, é bastante significativo do processo de povoação e urbanização do lugar: uma cidade que recebeu, desde o início, pessoas de diversas regiões do país e do exterior.

Para afirmar os “saltos desenvolvimentistas” caracterizamos três momentos, marcados pelas grandes empreitadas e grandes obras. Utilizamos como marcos fundamentais a vinda da NOB, a Usina Jupiá e a instalação das indústrias VCP e IP em 2006.

Em meados da década de 1990, começa ocorrer o que chamamos de recente industrialização na cidade de Três Lagoas, ou “terceiro salto de desenvolvimento econômico e crescimento urbano”. Uma das principais propagandas que havia neste momento, para atração de investimentos, eram os benefícios fiscais. Além dos incentivos fiscais, destacavam-se outros pontos como: as vias de transporte, já que Três Lagoas se situa numa região estratégica, estando diretamente interligada com São Paulo pela Rodovia Marechal Rondon, uma via direta até o Porto de Santos; a hidrovia Tietê-Paraná; a ferrovia e a infraestrutura energética.

A propaganda deste potencial regional atraiu (e tem atraído) diversas indústrias e mão-de-obra imigrante, mudando significativamente as relações de trabalho local, até então, predominantemente agrícola e comercial. A cidade hoje possui cerca de sessenta indústrias instaladas, ou em fase de instalação, do ramo alimentício, têxtil, calçadista, metalúrgico. E mais recentemente, instalaram-se fábricas de porte internacional como a Votorantim Celulose e Papel que formou o conglomerado Fibria junto com a Aracruz Celulose e Internacional Paper, que juntas são responsáveis pelo aumento de 300% do PIB da cidade e o maior investimento privado de Mato Grosso do Sul.

O tempo e a disciplina do trabalho na fase da industrialização: da acumulação flexível à reestruturação produtiva

A cidade e seus habitantes, todavia, não passariam impunes a todo esse processo de desenvolvimento. As características de uma cidade fundada nas atividades pecuárias e agrícolas e de um pequeno trânsito comercial, seriam abaladas definitivamente. Nas palavras de THOMPSON (1988, p.344), “Todo processo de industrialização é doloroso. Porque envolve a erosão de padrões de vida tradicionais”. Os padrões de vida dos trabalhadores, todavia, integrados às peculiaridades do trabalho “mais arcaico”, como os pescadores,

²Informação obtida em http://www.agoratreslagoas.com.br/ver_not.php?id=9894 acessado às 14h23min do dia 26 de março de 2010.

trabalhadores do campo, conseguem se manter indo contra a corrente da industrialização. Um exemplo claro disso é a colônia de pescadores do Jupia que mesmo com a construção da Usina na década de 1960, ainda conseguem manter-se do próprio ofício, porém muitos estão sendo atraídos pelo trabalho nas indústrias.

Ao passo que tempo e dinheiro são sinônimos, de acordo com THOMPSON (1998), “matá-lo” faz parte do dia-a-dia das pessoas no capitalismo industrial. Neste sentido há um indício de contradição e ambigüidade em Três Lagoas: de cidade formada com base econômica assentada na pecuária, onde o tempo do galo é o despertador do trabalhador e as horas orientam o fim da labuta no campo e nos rios; para a vida marcada pelo ritmo acelerado que se impõe nesta nova fase que pressupõe a rigidez do processo fabril e industrial. Assim, as perguntas de Thompson são sugestivas para se pensar a problemática do trabalho em Três Lagoas:

[...] até que ponto, e de que maneira essa mudança no senso de tempo afetou a disciplina de trabalho, e até que ponto influenciou a percepção interna do tempo dos trabalhadores? Se a transição para a sociedade industrial madura acarretou uma reestruturação rigorosa dos hábitos de trabalho – novas disciplinas, novos estímulos, e uma nova natureza humana que esses estímulos atuassem efetivamente -, até que ponto isso relaciona com mudanças na noção interna do tempo? (THOMPSON, 1998, p. 269)

A lógica do tempo na mudança dos hábitos é sentida principalmente nos homens que foram arrancados dos seus antigos meios de sobrevivência e forçados a entrar na lógica do capital da indústria moderna. É neste intento que procuramos observar as discussões acerca das mudanças corridas no mundo do trabalho, para caracterizar esse processo em Três Lagoas como parte de um contexto global.

HARVEY (1992) problematiza as mudanças no mundo do trabalho conceituando o que ele chama de acumulação flexível. Conforme este autor, desde a década de 1960 o *fordismo* americano vinha enfrentando sérios problemas em vista da pobreza, da Guerra do Vietnã e o crescimento das importações no sudeste asiático que acabaram por proporcionar uma onda de competição *fordista* em ambientes totalmente novos, onde os contratos sociais de trabalho inexistiam ou eram desrespeitados. As contradições do *fordismo*, ou do capitalismo, se agudizaram forçando uma nova postura que pretendia tornar menos rígido os processos de produção e apostar no mercado variante.

Toda tentativa de superar esses “problemas de rigidez”, todavia, “encontrava a força aparentemente invencível do poder profundamente entrincheirado da classe trabalhadora – o que explica as ondas de greve e os problemas trabalhistas do período 1968-1972” (HARVEY, 1992, p.136). Desta maneira, a saída foi enfraquecer os sindicatos e as

organizações dos trabalhadores, o que permitiu a configuração de um novo período: o de racionalização, de reestruturação e de intensificação do controle do trabalho.

Essas experiências representaram os primeiros ímpetus da passagem para um regime de acumulação inteiramente novo, associado com um sistema de regulação política e social distinta, conforme (HARVEY, 1992). O capitalismo, nas décadas de 1970 e 1980, passou por um novo rearranjo conjuntural político, social e econômico no mundo.

A década de 1980, especialmente, sofre um intenso salto tecnológico da microeletrônica, da robótica e da automação. Sobre essas novas formas de sistemas, Antunes salienta que:

Novos processos de trabalho emergem, onde o *cronometro* e a *produção em série* e de *massa* são “substituídos” pela flexibilização da produção, pela “especialização flexível”, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado [...] Vivem-se formas transitórias de produção, cujos desdobramentos são também agudos, no que diz respeito aos direitos do trabalho. Estes são desregulamentados, são flexibilizados, de modo a dotar o capital do instrumental necessário para adéqua-se a sua nova fase. Direitos e conquistas históricas dos trabalhadores são substituídos e eliminados do mundo da produção. (ANTUNES, 1999, p.16).

Se por um lado se dá a flexibilização do sistema de produção e das novas formas de ver o mercado, fazendo os “jogos de substituição”, é a contradição que direciona esse novo período trazendo agora uma maior rigidez para o chão da fábrica com o fim, ou o desmonte, das organizações de trabalhadores. Deste modo, as mudanças de padrões acabaram trazendo uma nova forma de adequação para os trabalhadores.

Ainda na perspectiva dessas mudanças, conceituamos que embora a experiência *toyotista* venha do período pós-guerra, é o modelo japonês que tem causado os maiores impactos ainda hoje, tanto pela revolução técnica quanto pela sua velocidade de propagação em escala mundial. Neste sentido, cabe enumerarmos algumas características básicas do surgimento e atuação do *toyotismo*:

Primeira: a introdução, na indústria automobilística japonesa, da experiência do ramo têxtil, dada especialmente pela necessidade de o trabalhador operar simultaneamente com várias máquinas. Segunda: a necessidade de a empresa responder à crise financeira, aumentando a produção sem aumentar o número de trabalhadores. Terceira: a importação das técnicas de gestão dos supermercados dos E.U.A, que deram origem ao *Kanban*. [...] O método *Kanban* já existia desde 1962, de modo generalizado, nas partes essenciais da Toyota, embora o *toyotismo*, como modelo mais geral, tenha sua origem a partir do pós-guerra. Quarta fase: a expansão do método *Kanban* para as empresas subcontratadas e fornecedoras. (CORIAT, 1992b: 27-30 *apud* ANTUNES, 1999, p. 24)

O sindicalismo, todavia, é tenaz contra a nova reestruturação. As táticas utilizadas pelas empresas, além da repressão, são a cooptação de sindicalistas; a imposição do o

chamado “sindicato de empresa”; a lógica da empresa como família a exemplo a “Família Toyota”, entre outras.

Os métodos e procedimentos como “*Kanban*, *Just in time*, flexibilização, terceirização, subcontratação, controle de qualidade, eliminação do desperdício, “gerencia participativa”, sindicalismo de empresa” (ANTUNES, 1999, p. 27) intensificaram o estranhamento do trabalho, pois embora neste sistema o trabalhador tenha uma maior “participação” no processo produtivo isto não supriu o estranhamento. Posto que, na lógica do capital, o trabalho e o trabalhador são cooptados, a empresa se apropria do *saber* e do *fazer* do trabalhador, fazendo um fosso entre a elaboração e a execução no processo de trabalho. Sobre essa discussão Marx salienta que:

Se o produto do trabalho me é estranho, [se ele] defronta-se como poder estranho a quem pertence então? [...] O ser estranho ao qual pertence o trabalho e o produto do trabalho, para o qual o trabalho está a serviço e para a fruição do qual [está] o produto do trabalho, só pode ser o homem mesmo. [...] Se sua atividade lhe é martírio então ela tem de ser fruição para um outro e alegria de viver para um outro. (MARX, 2008, p.86)

Com a derrocada do Leste Europeu e a investida do neoliberalismo no início da década de 1990, abre-se uma nova etapa de organização e reestruturação com o redesenho da divisão internacional do trabalho, organização dos sindicatos, e re-territorialização da produção. É nesta perspectiva bastante dura, do ponto de vista da classe trabalhadora, que voltamos a Três Lagoas e o seu processo de industrialização na década de 1990.

Nessa perspectiva, Três Lagoas passa a ter um espaço privilegiado para as novas investidas do capital. A análise que Antunes faz sobre as mudanças globais no período recente torna-se pertinente para entendermos a realidade de Três Lagoas. Segundo este autor:

Verificou-se um processo de descentralização produtiva, caracterizada pela realocação industrial, em que as empresas tradicionais, como indústria de calçados ou a indústria têxtil, sob a alegação da concorrência internacional, iniciaram um movimento de mudanças geográfico-espaciais, buscando níveis mais rebaixados de remuneração da força de trabalho, acentuando os traços de superexploração do trabalho (ANTUNES, 2004, p. 18)

Ora, se antes tínhamos um sistema produtivo concentrado nas grandes cidades, onde os sindicatos exerciam uma forte pressão e os encargos fiscais limitavam lucros maiores, com a reconfiguração do espaço industrial resolvem-se os dois impasses: cidades sem tradição sindical industrial e a isenção fiscal. A cidade de Três Lagoas se projeta como um lugar privilegiado fora de grandes centros, com uma atuação sindical fraca, ou quase inexistente, e dotada de benefícios fiscais que atraíram diversas empresas.

A industrialização recente em Três Lagoas: um debate quantitativo sobre as condições e relações de trabalho

Tendo em vista a compreensão deste processo de industrialização, no ano de 2005 foram abordados 42 trabalhadores das indústrias dos ramos alimentício, calçadista e têxtil, somando um total de 7 indústrias abordadas na cidade de Três Lagoas³. O questionário aplicado levantou informações relevantes sobre: salário, condições de trabalho (insalubridade, relação com a chefia imediata, segurança etc.), alimentação, transporte, condições de moradia, renda familiar, escolaridade, assistência à saúde e origem do trabalhador.

Para catalogação dos dados foram construídos gráficos divididos em categorias chave como: identificação do trabalhador, religião, escolaridade, condições de moradia, salário e renda, gastos mensais, formação profissional, condições de trabalho, relações de trabalho, sindicatos e organizações dos trabalhadores.

Em uma segunda etapa, no ano de 2009 e 2010, foram coletados dados da Secretaria de Indústria e Comércio da cidade de Três lagoas, da Agência Pública de Emprego, do Caged, do IBGE e do SENAI, dados que ainda estão em fase de coleta e análise, porém já obtivemos alguns resultados que serão discutidos neste texto, como resultado preliminar da pesquisa⁴.

Faz-se pertinente a este texto discutir a necessidade do método utilizado na pesquisa. O método quantitativo, conforme CARDOSO (1979), ou a história demográfica, tem seus primórdios na década de 1930 quando historiadores da economia implantaram em seus trabalhos, influenciados pelos economistas, a quantificação sistemática. Neste sentido, podemos destacar três correntes mais importantes: 1) A corrente francesa da Escola dos *Annales*, que se caracterizava pela rejeição de divisão entre uma história econômica e história global, e precursores da “história serial”; 2) Posteriormente, surge um grupo de pesquisadores de formação econômica que tende a fazer história, por volta da década de 1940, identificados na chamada corrente da “história quantitativa”; 3) Por último, surge a corrente nascida nos Estados Unidos a “*New Economic History*” por volta de 1957.

Quando iniciamos nosso percurso no projeto em questão, tínhamos um grande desafio: o de transformar uma série de questionários e dados em compreensão qualitativa do processo histórico. Partilhando da assertiva de CARDOSO (1979) sobre o método enfatizamos que:

³Projeto financiado pelo FUNTRAB, setembro de 2003 à maio de 2005: “Relações de trabalho no processo de industrialização recente no município de Três Lagoas MS”.

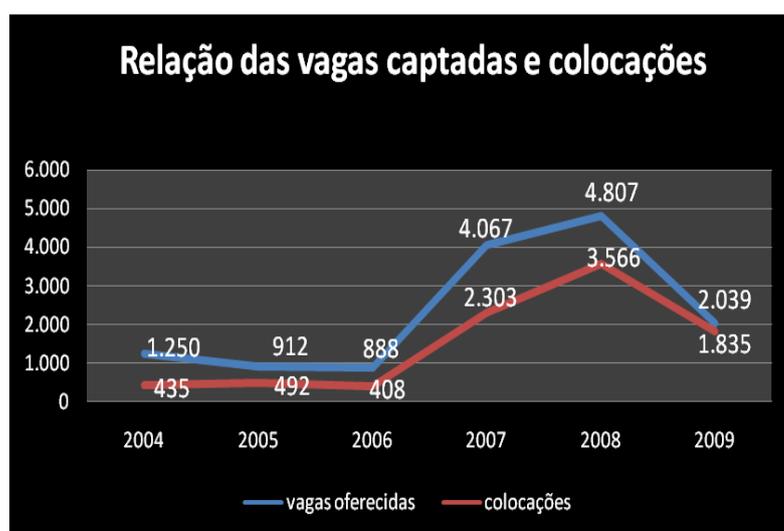
⁴ A pesquisa refere-se ao projeto de pesquisa aprovado em 2008, pelo CNPq, “Industrialização recente e relações de trabalho em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul”.

[...] a construção do objeto de estudo em séries homogêneas e coerentes levava a várias consequências importantes no referente aos métodos. Quando se raciocina em termo de séries de dados que se sucedem no tempo, esboçando curvas que são a representação gráfica de ciclos de expansão e depressão (isto é, das palpitações da vida econômica) o mais importante não é cada um dos dados, individualmente, mas o próprio esboço da curva sua evolução no tempo – preferencialmente a longo prazo –; o que se define o valor relativo que apresenta quando comparado aos que precedem e seguem. (p.30).

Deste modo, entendemos que não necessitamos mais analisar somente as afirmações ou falsidades de testemunhos escritos, pois essa visão permite ao historiador olhar também para as coerências de séries e dados, recolhidas ou construídas pelo historiador. Para tanto, entendemos que a construção da História se dá de múltiplos olhares e a história econômica é uma dessas possibilidades.

Três Lagoas tem em funcionamento atualmente cerca de 43 indústrias, com uma quantidade aproximada de 8 mil funcionários. Mais 15 indústrias estão em fase de implantação e gerarão ao em torno de 2.000 à 2.626 empregos.⁵ Número expressivo, se analisarmos o crescimento médio das cidades sul-matogrossenses.

No entanto, ao analisarmos as fontes oficiais de uma forma seriada, o que amplia a nossa percepção da flutuação de empregos na cidade, vemos que os alarmantes índices de crescimento noticiados, são por um lado, real, mas por outro, não correspondem a realidade quando pensamos numa perspectiva mais ampla. A “cidade do emprego”, como está sendo chamada Três Lagoas, é mais uma vez fruto de um salto de desenvolvimento como assim analisamos, que por vez seus empreendimentos geraram “progresso” para a cidade, porém pode não gerar um crescimento contínuo. Como vemos neste gráfico, da Agência Pública de Emprego de Três Lagoas:



⁵ Secretária de indústria e comércio de Três Lagoas, ano 2009.

O gráfico mostra uma elevação, em 2006, do número de vagas oferecidas e, conseqüentemente, do número de colocações, movimento que chega ao pico em 2008. Esse é o período em que a cidade recebe migrantes originários especialmente da região Nordeste do país que vêm para trabalhar na construção da indústria de papel e celulose VCP. São trabalhadores sazonais, contratados por empresas terceirizadas, para atender à demanda de cerca de 4 mil vagas necessárias para tocar as obras.

Seria pertinente aprofundarmos a análise deste período, uma vez que podemos dizer que este é o grande empreendimento da cidade, no período delimitado, e o marco neste processo começado em meados da década de 1990. Assim, quanto ao início da construção das fábricas de papel e celulose, José Luciano Penido, na época diretor-presidente da VCP afirma que:

O acordo fechado entre as duas empresas garante uma fábrica de papel e celulose localizada em Luiz Antônio-SP à IP que, em troca, a VCP ficará com a base florestal existente na região de Três Lagoas. Penido informou à imprensa que o lançamento da Pedra Fundamental, que anuncia o início da construção da fábrica de papel e celulose está marcado para o dia cinco de dezembro deste ano.⁶

Nesta entrevista José Luciano Penido se referia a permuta feita entre a Votorantim Papel e Celulose (VCP) e a empresa International Paper (IP). O acordo entre essas indústrias foi uma das mais altas negociações nacionais e internacionais da época, visto que em várias revistas especializadas em economia e outros meios de comunicação difundiu-se largamente esta ação.

Essas empresas têm a pretensão de ser uma das maiores fábricas de papel e celulose do mundo, sendo que a construção se desenvolve em duas partes: por parte da IP, responsável pela construção e operação de papel, e a outra parte da VCP (Fibria) que se responsabiliza pela construção e operação da celulose, como destaca o sítio do SINAP (Sindicato Nacional dos Papeleiros):

A International Paper investirá na construção e operação da fábrica de papel, com a instalação inicial de uma ou duas máquinas, cada uma com capacidade para 200 mil toneladas/ano. “Trata-se da primeira fábrica de papel a ser construída no País após o período de 12 anos, o que evidencia a importância deste empreendimento para o setor de celulose e papel brasileiro”, declara Maximo Pacheco, presidente executivo da International Paper do Brasil. Já a construção e operação da fábrica de celulose, serão viabilizadas por meio de uma permuta de ativos com a Votorantim Celulose e Papel S/A (VCP). No acordo, a sólida base florestal – sob responsabilidade da subsidiária Chamflora Três Lagoas Agroflorestal Ltda. – e o projeto da fábrica de celulose de Três Lagoas (MS) da International Paper ficarão com a VCP, enquanto que a floresta e a

⁶ Informação obtida em <http://www.3lagoas.com.br/?canal=noticias&pag=unit&id=1946&materia=diretor-da-vcp-fala-sobre-investimentos-a-imprensa-de-tres-lagoas-tres-lagoas> acessado às 14h07min do dia 15 de fevereiro de 2008.

fábrica integrada de papel e celulose, em Luiz Antônio (SP), da VCP, serão transferidas para o nosso portfólio de negócios.⁷

Ao fazermos um breve panorama da importância do estudo da instalação dessas fábricas, e deste surto industrial que chega a Três Lagoas, buscamos analisar a forte onda de industrialização que atraiu milhares de trabalhadores e diversas empresas terceirizadas contemplando o que já havíamos conceituado do método de acumulação flexível e da reestruturação produtiva, como diz essa reportagem de 2008:

Com mais de 20% da construção finalizada, aproximadamente 4.500 pessoas trabalham diariamente em várias frentes de trabalho, nas obras de construção das fábricas da Votorantim Celulose e Papel-VCP e da International Paper, em Três Lagoas. Todos esses operários e funcionários estão distribuídos em 230 empresas, terceirizadas, a maioria atuando na construção civil, subcontratados pelas 12 empreiteiras chamadas "mães", responsáveis pela construção dos dois megaempreendimentos. Duas das maiores são a Camargo Correa e a Construcap.⁸

Portanto, em 2008, ano de principal atividade da construção das fábricas, o gráfico revela a coerência dos dados levantados. Todavia, ainda temos alguns percalços na pesquisa quantitativa, pois como discorre CARDOSO (1979) “muitas vezes, no curso da pesquisa, o historiador enfrenta situações em que motivos ligados ao tempo e ao custo tornam impossível o estudo da totalidade da documentação disponível” (p. 333). É exatamente nessa perspectiva dura que encontramos os maiores obstáculos: tempo, recursos financeiros e humanos que inviabilizam ainda mais os avanços na pesquisa.

Ainda temos, contudo, um caminho longo a percorrer e procurar mais alguns indícios das diretrizes da industrialização e seus desdobramentos. Para isso ainda precisaremos terminar a segunda etapa da nossa pesquisa que será o confronto de questionários: o primeiro aplicado por bolsistas do projeto Funtrab no ano de 2005, e o segundo a ser aplicado por nós, ainda neste ano, aos trabalhadores das indústrias dos ramos têxtil, alimentício, calçadista e de papel e celulose.

Ao analisarmos os questionários respondidos pelos trabalhadores em 2005, compreendemo-os sob a perspectiva de Carmem GRISCI e Pedrinho GUARESCHI (1993), em “A fala do trabalhador”, em que fizeram um diálogo da fala do trabalhador com a fala da academia, pontuando que “através do diálogo e da partilha desses saberes é possível progredir, caminhar, dar um passo a frente, na conquista de mais liberdade, mais bem-estar e mais democracia” (p. 11), construindo uma ciência comum que supere o individualismo.

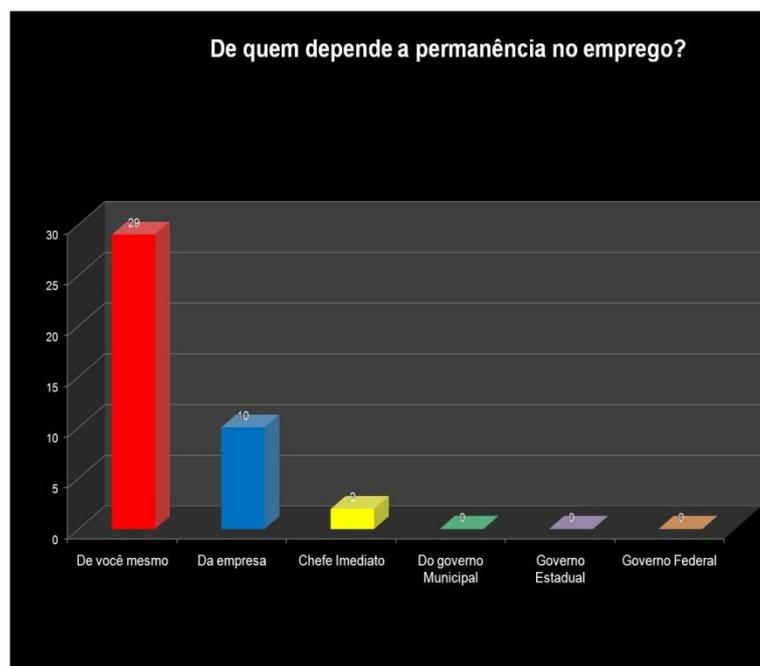
⁷ Informação obtida em http://www.sinap.org.br/template_S.php?id=2594 acessado às 15h:04min do dia 18 de fevereiro de 2008.

⁸ Informação obtida em <http://www.folhamt.com.br/vnoticia.php?id=779> acessado às 07h12min do dia 10 de março de 2008.

Individualismo que se encontra tão presente no cotidiano da fábrica, onde o trabalhador se percebe como um ser humano sozinho em busca de sua sobrevivência. Os autores afirmam que:

[...] é preciso prestar atenção à singularidade de cada ser humano. O que não se explicita é que toda vez que se individualizam as pessoas, torna-se mais fácil convencê-las, a velha tática romana do “divide et impera”, isto é, dividir o grupo para melhor dominá-lo. (GRISCI e GUARESCHI, p. 37)

Podemos perceber este sentimento de individualismo, quando o trabalhador é questionado sobre sua permanência na fábrica. A maioria dos trabalhadores atribui a si mesmo a responsabilidade da permanência no emprego e tudo que acontece, seja uma vitória ou um fracasso. Trata-se de uma visão das relações de trabalho destituída da condição de classe. Pensamento muito difundido nas décadas de 1970 e 1980, quando a reestruturação produtiva e a acumulação flexível se tornaram imperantes pelo *toyotismo*. O gráfico seguinte é revelador desta percepção:



Perceber a subjetividade do trabalhador, a partir de dados quantificáveis, é um desafio difícil para o historiador, mas não impossível tendo em vista que os números devem ser entendidos como indícios de ações humanas, e não como dados exatos e inflexíveis. Neste sentido, o gráfico anterior pode revelar um ambiente industrial guiado pela competitividade e pelo individualismo, pode, também, apresentar indícios do tratamento que os trabalhadores recebem, a forma que reagem às ações do patronato.

A história da luta de classes no capitalismo e o processo de exploração e acumulação devem ser estudados com base em aspectos metodológicos que dêem conta de

compreender as novas determinações da sociedade burguesa contemporânea. Nesse caso, o conceito de mobilidade dos trabalhadores é uma categoria analítica que nos permite perpassar os estágios do tempo histórico e compreender os fenômenos contemporâneos da exploração capitalista.

Nos Manuscritos, de Marx, o trabalho aparece como a objetivação primária do ser social, e por se objetivarem os homens podem constituir sua subjetividade, sua personalidade enquanto determinação individual específica. Mas esta é determinada ontologicamente na totalidade das condições sociais, e é nelas e a partir delas que a subjetividade é historicamente formada e mudada, uma vez que as condições são produzidas pelo homem social, como produto da autocriação humana. Transformar a natureza, porém, é também transformar a si mesmo. Neste sentido, Marx pontua que:

Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menshenwelt). O trabalho não produz somente mercadoria; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2008, p.80)

Segundo Marx, a produção dos bens necessários à vida possui uma ligação necessária com a produção da própria vida do homem, sociológica e psicologicamente; o trabalho não produz apenas os objetos, produz também os próprios produtores; a evolução das forças produtivas liga-se dialeticamente com a evolução das relações de produção, e ambas, como unidade, possuem uma relação com a formação da consciência e da cultura. O trabalho é fundamento da existência humana, ao domínio da natureza corresponde a organização social, e vice-versa.

O homem é dominado por aquilo que ele cria o que o impede de fazer a passagem do singular para o genérico, expressando uma sociabilidade marcada pelo caráter individualista e egoísta. Assim, o produto do trabalho torna-se um fetiche na medida em que se converte em partícula de um trabalho geral, abstrato, isto é, como mercadoria. As relações sócio-humanas são invertidas: de relações entre pessoas convertem-se em relações entre coisas. O trabalhador se torna matéria humana a serviço do capitalismo.

Como pontua Marx o trabalhador não se reconhece no que faz. HARVEY (1992), neste contexto acrescenta que à medida que o trabalho deixa de ser um trabalho ativo, e passa a ser um “processo produtivo”, onde os lucros são apropriados pelos capitalistas, o trabalhador não tem consciência de sua produção, e muitas vezes executa tarefas sem ter conhecimento do porque executa. E esclarece que:

Todo tipo de trabalho exige concentração, auto disciplina, familiarização com diferentes instrumentos de produção e o conhecimento das potencialidades de várias matérias-primas em termos de transformação em produtos úteis. Contudo, a produção de mercadorias em condições de trabalho assalariado põe boa parte do conhecimento, das decisões técnicas, bem como do aparelho disciplinar, fora do controle da pessoa que de fato faz o trabalho. (HARVEY, p.119)

A recente industrialização em Três Lagoas nos possibilita uma análise das expectativas dos trabalhadores, que muitas vezes não são atendidas, neste contato cotidiano com a fábrica, trazendo aos trabalhadores uma brusca mudança de vida. Enquanto as fábricas significam, para a burguesia, o desenvolvimento econômico de Três Lagoas, representando o lucro, obtido com uma falsa idéia de progresso; para os trabalhadores apresenta-se como uma procura por subsistência própria e de suas famílias, mas na maioria das vezes encontra-se garantia para o mínimo. Portanto, o progresso, anunciado pelo governo municipal e estadual, não significa melhoria de vida para todos, e sim lucro para uma minoria.

Considerações finais

Ao estudar as relações de trabalho na indústria contemporânea nos deparamos com o “obstáculo” de fazer uma história do tempo presente, sem sermos iludidos pela “luz ofuscante do progresso”. As leituras atentas e a metodologia que optamos ajudam a reforçar nossa pretensão de se fazer uma discussão histórica, não imediatista ou pautada somente numa narrativa, pois estamos diante de uma história problema.

Sendo assim, acreditamos que estamos distantes de uma solução (talvez nem tenhamos), o que nos possibilita ainda uma certeza, de que temos muitas análises para serem feitas. O que pretendemos neste texto foi apontar algumas questões e iniciar a discussão sobre a história da industrialização três-lagoense, com os pés no chão e com certo rigor teórico e metodológico.

Para tanto, fechamos esse artigo apontando para a perspectiva de que a história dos homens se funda no trabalho, sua fonte de subsistência. Mas, quando o trabalho é estranho, ou alheio ao homem, “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria.” (MARX, 2008, p.80)

Assim entendemos o progresso e a sua apropriação pelas elites dominantes, a construção desse discurso no imaginário da classe trabalhadora, e pelas falsas lamúrias de ascensão social para aqueles que trabalhem e poupem bastante. Três Lagoas, nestes passos, não produziu riquezas para aqueles que trabalharam para construí-la, ou para aqueles que trabalharam nas grandes indústrias.

Referências:

ALVES, Walter de Assis. **Trabalhadores têxteis de Três Lagoas – MS**: experiências de trabalho, práticas sociais e atuações políticas. Dissertação de mestrado em história, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/UNICAMP, 1999.

_____. Silva, Maria Aparecida Moraes. (orgs). **O Averso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

GUARESCHI, Pedrinho A. GRISCI, Carmem Lígia Iochins. **A fala do trabalhador**. Editora Vozes, Rio de Janeiro: 1993

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

MARX, Karl. **“Manuscritos econômico-filosóficos”**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORATELLI, Thiago. **Os trabalhadores da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil**: experiências operárias em um sistema de trabalho de grande empreita (São Paulo e Mato Grosso, 1995 – 1914). Dissertação em história, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP. Campinas, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. **“Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”**. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.